

A LÍNGUA E A ATIVIDADE PROFISSIONAL DO CAFEICULTOR

Rosiane de Souza Assis¹, Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura², Andréia Almeida Mendes³, Ana Clara Gonzaga Natalino⁴, Clara Petronilia Afonso Oliveira⁴, Davi Edson Pinto Teixeira⁴, Davi Martins de Oliveira Ventura⁴, Diego Mendes Correia⁴, Ester de Medeiros Soares⁴, Gustavo Campos Gomes⁴, Hugo Heringer Brandão⁴, Isadora Silvestre Garcia⁴, Maria Vitória Alves de Abreu⁴, Mariane Manuela Souza Moreira⁴, Samara Oliveira Lucas⁴, Samira Gonçalves Ferreira Pereira⁴, Samuel Gomes de Abreu⁴, Thaisa Hott Lopes⁴.

¹Pós-Graduada em Língua Portuguesa, Graduada em Letras, UEMG, rsouzaassis@bol.com.br.

²Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Administração, Bacharel em Administração, UFV, ritakmartins@hotmail.com.

³Doutora em Linguística, Mestre em Linguística, Especialista em Docência do Ensino Superior, Graduada em Letras, UEMG, andreialetras@yahoo.com.br.

⁴Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio América.

Resumo: Este artigo tem por objetivo mostrar as diferentes variantes linguísticas utilizadas por cafeicultores da zona da mata mineira da cidade de Manhuaçu. Foi realizada uma pesquisa de campo para coleta de dados em que indivíduos foram questionados quanto a sua idade, sexo, nível de escolaridade, período (em meses) que se comprometiam ao trabalho cafeeiro durante o ano, entre outras perguntas relacionadas à variedade linguística utilizada, principalmente no que diz respeito a palavras ou expressões específicas à atividade cafeeira. A pesquisa se apoia na perspectiva teórica de Bagno (2007), segundo a qual tudo o que acontece em uma língua viva, falada por seres humanos tem uma razão de ser e essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.

Palavras-chave: Café; Língua Portuguesa; Variantes Linguísticas e Preconceito Linguístico.

Área do Conhecimento: Linguísticas, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui inúmeras variedades dialetais e são exclusivas de alguns grupos profissionais. Sua forma de falar os identificam geograficamente e socialmente. Essas tais variedades não são usadas apenas no interior do grupo, mas são utilizadas também na comunicação por quem não as domina completamente.

A origem geográfica é um fator determinante para a variação linguística; por isso o Brasil com sua vasta extensão territorial apresenta diferentes características culturais e sociais; outro fator importante também é a origem rural e urbana do indivíduo.

O acesso maior ou menor à educação formal é um princípio relevante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos que, ao entrarem em contato com a cultura letrada, realizam a prática da leitura e escrita.

Além disso, o local de trabalho é um ambiente que favorece a variação lingüística e, em alguns ofícios, predominam a linguagem informal.

No ramo da cafeicultura, especificamente no setor da mão de obra, observa-se o uso constante deste tipo de linguagem que sofre muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é importante ressaltar que as variedades linguísticas de menor prestígio são consideradas diferentes e inferiores.

O objetivo a que se propõe com este estudo é analisar as ocorrências de variação linguística, na modalidade oral dos trabalhadores da lavoura de café. Para tanto, estabeleceu-se como

metodologia básica do estudo a pesquisa descrita, dentro de uma estratégia quantitativa que se utilizou de um *survey* como técnica de coleta de dados.

A justificativa para a realização de tal proposta se fundamenta no contexto sócio-econômico de nossa cidade que se polariza na cafeicultura como opção econômica o que ocasiona um cenário linguístico variado. Ainda, considera-se como ponto relevante a discussão proposta sobre a temática, uma vez que a ocorrência de variantes na língua falada é real e traduz um processo histórico da região.

Para apresentação do trabalho, utilizou-se de cinco seções, incluindo esta introdução como a primeira. Na segunda seção, “Referencial Teórico”, discutem-se os conceitos teóricos que formam a temática que dão sustentação ao desenvolvimento do mesmo. Na terceira seção, relatam-se os caminhos metodológicos nos quais a pesquisa se fundamentou procurando assegurar cientificidade a tal estudo. Na quarta seção, apresenta-se a “Análise de Dados” tendo como base empírica os dados coletados. As conclusões do trabalho são apresentadas na quinta seção que traz como centro de discussão as contribuições e as ocorrências de variação linguística encontradas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O café entrou em Minas Gerais por volta de 1707, inicialmente pela Zona da Mata, através do chamado Caminho Novo (criado para o transporte do ouro). Os tropeiros, ao voltarem das viagens de transporte do ouro, traziam sementes do café. A Zona da Mata se manteve como a região mais rica do estado até o início do século XX por causa do café. Até que São Paulo ganhou força na produção do fruto, contando inclusive com grandes cafeicultores mineiros que adquiriram propriedades férteis, principalmente no Oeste paulista (MOREIRA, 2007).

Em meados do século XIX, após o declínio aurífero no estado de Minas Gerais, Manhuaçu adota a cultura cafeeira como seu pilar econômico. A zona da mata mineira, onde está localizada a cidade, despertava a cobiça dos estados da Bahia e Espírito Santo. A colonização dessa região foi difícil devido à topografia muito acidentada e povos indígenas agressivos com a chegada e a aproximação com o povo branco (SANTOS, 2013).

O primeiro passo da colonização foi a destruição de povos e culturas primitivas que habitavam o local, que culminou a demarcação de fronteiras entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Paralelamente, com o fim previsto da escravidão no Brasil, o cenário econômico brasileiro estava modificando. O investimento dos mineiros em lavouras cafeeiras ocorreu a partir do declínio da mineração e pela riqueza gerada proveniente da produção de café (SANTOS, 2013).

A influência cafeeira passou a determinar a economia da região onde surgiu a vila de São Lourenço de Manhuaçu, atual Manhuaçu. Com isso, pequenos produtores se transformaram em pequenos empresários e posteriormente em coronéis.

A proximidade da zona da mata mineira com o estado do Espírito Santo facilitou o contato com os imigrantes alemães e italianos falantes de diferentes dialetos, influenciando o povo de Manhuaçu.

Diante desse cenário, observa-se que o plurilinguismo sempre foi silenciado, inclusive por meio de ações violentas com proibições formais, como o massacre de povos indígenas. Surgindo então a imposição de uma cultura e modo de falar. Muitas vezes, esse modo de falar é declaradamente entendido como sinônimo de “erro” no uso da língua.

A cafeicultura é a única fonte que emprega milhares de trabalhadores em nossa região. É um ofício que atrai a maioria dos profissionais no período da colheita. O seu profissional apresenta baixa escolaridade devido à falta de oportunidade. São oriundos de famílias simples e os pais ensinam a profissão aos filhos com a finalidade de agregar mão de obra, aumentar os lucros e o poder aquisitivo da família.

As atividades que exigem um número maior de trabalho na cafeicultura duram aproximadamente de três a quatro meses por ano. No restante do período, os profissionais exercem outras atividades na cidade ou no campo. Existem, porém, profissionais que trabalham somente na colheita e passam o resto do ano administrando o que ganharam. Poucos continuam mantendo o trabalho na lavoura porque esta exige pequenos cuidados como adubação e capina.

O cafeicultor, além de ser portador de uma variedade linguística desprestigiada, apresenta marcas culturais que o caracterizam e que, muitas vezes, recebem o estigma de errado e feio.

Ninguém “erra” porque quer ou porque é “burro”: a pessoa simplesmente obedece regras gramaticais próprias da variedade de língua que é dela (BAGNO, 2001, p. 27).

A língua é mutante e dinâmica, isto é, evolui sempre. Tal desenvolvimento ocorre para adequar-se aos falantes. Afinal de contas, a principal finalidade da língua é promover a comunicação com “erro”.

Qualquer forma de julgamento depreciativo contra a maneira de alguém falar, principalmente pelo fato desta ter características regionais, históricas e culturais ou apontar essas alterações como erro, está cometendo o que é chamado de “preconceito linguístico”.

Quando se trata de língua, só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre interlocutores (BAGNO, 2001, p. 16).

Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua quer dizer conhecer de modo que perceba claramente e empregue com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.

A língua é o tesouro mais precioso de nossa cultura. É preciso valorizar e respeitar igualmente todas as suas variedades para que elas continuem enriquecendo e dando identidade ao seu povo. Todos possuem o seu valor, são veículos plenos e perfeitos na transmissão de conhecimento e fortalecimento da relação entre as pessoas que as falam.

3 METODOLOGIA

Partindo do objetivo do estudo que se circunscreve em analisar as ocorrências de variação linguística, na modalidade oral, dos trabalhos da lavoura de café e, ainda, buscando alargar os limites teóricos do estado da arte do respectivo tema, estabeleceu como tipo de pesquisa a descritiva. Na concepção de Gil (1999), a pesquisa descritiva se destaca por trabalhar com opiniões, críticas, atitudes, percepções e crenças de um determinado grupo de pessoas, o que permite realizar associações entre variáveis e o fenômeno estudado.

A estratégia de pesquisa adotada foi a quantitativa tendo como técnica de coleta de dados a realização de um *survey*. A justificativa por essa técnica, baseando-se em Bertucci (2009), fundamenta-se na possibilidade de, por meio desses, descrever, explicar, explorar determinada temática por meio do alcance de um grande número de respondentes.

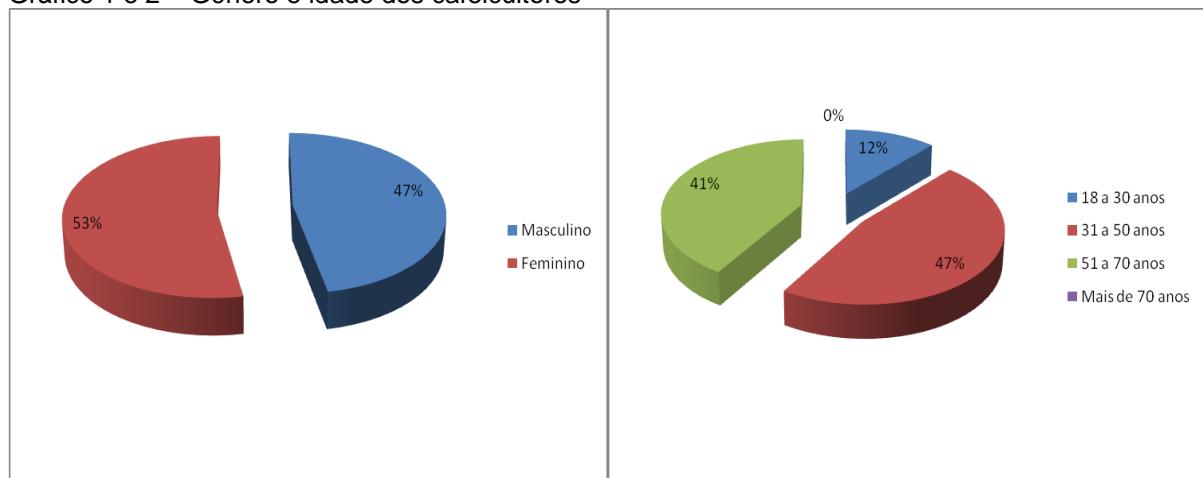
Como sujeitos de pesquisa, optou-se por pessoas que trabalham nas lavouras de café na região do município de Manhuaçu-MG que se caracteriza pela grande extensão de lavouras da respectiva cultura. Dessa forma, estabeleceu-se como parâmetro a amostra por acessibilidade, ou conveniência, que na percepção de Gil (1999), representa aquelas pessoas as quais o pesquisador tem acesso e que representam o universo pesquisado.

Os dados coletados foram tabulados e processados na planilha eletrônica do Excel, e a partir dos resultados obtidos, traçaram-se análises a respeito do tema objeto desse estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

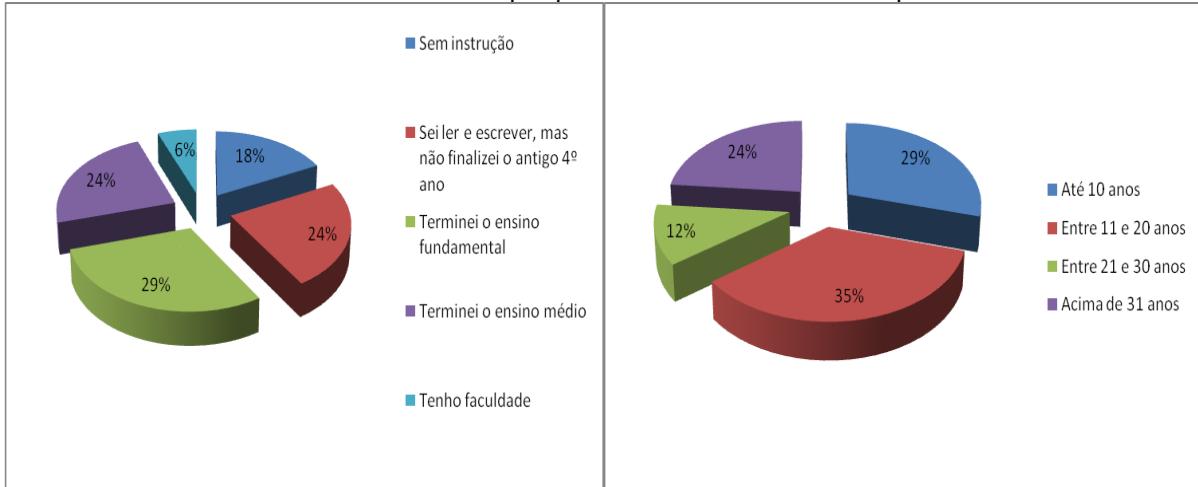
Por intermédio dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio América, foi realizada uma entrevista na qual o público-alvo eram os trabalhadores de lavouras cafeeiras. Os alunos os questionavam quanto à idade, sexo, nível de escolaridade, período (em meses) que se comprometiam ao trabalho durante o ano e algumas outras perguntas relacionadas à Língua Portuguesa.

Gráfico 1 e 2 – Gênero e idade dos cafeicultores



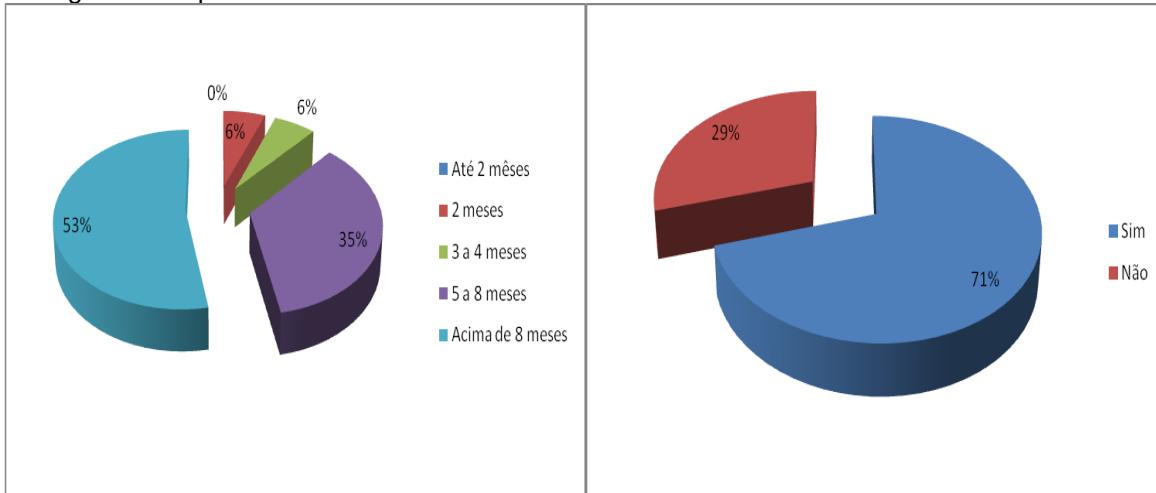
Fonte: dados da pesquisa.

Gráfico 2 e 3 - Grau de escolaridade e tempo que o cafeicultor de dedica àquela atividade



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 4 e 5 – Período dedicado às práticas cafeicultoras e se o entrevistado acha a Língua Portuguesa complexa



Fonte: Dados da pesquisa.

Após a análise dos dados, observa-se que 53% dos entrevistados são do sexo feminino (Gráfico 1); há predominância da faixa etária de 31 a 50 anos, sendo calculada em 47% (Gráfico 2). Quanto ao grau de escolaridade, é notório que a maioria concluiu somente o ensino fundamental, porém, visualiza-se que há pessoas sem instrução, concluintes do Ensino Médio e uma pequena parcela detentora de Curso Superior (Gráfico 3). Quando foi questionado sobre o tempo trabalhado com café, obteve-se resposta de que 35% possuíam acima de 31 anos de exercício; 53% afirmaram que durante o ano, são dedicados mais de oito meses a atividade cafeeira (Gráfico 4).

Foi questionada a complexidade da Língua Portuguesa e 71% afirmou a indagação, explicou relacionando à sua realidade estudantil e a sua maior dificuldade com relação à língua. Aos que não consideravam a língua difícil, foi respondido que não eram fluentes em outra língua e estes responderam ao questionário considerando que somente a linguagem oral estava sendo explicitada.

A pesquisa abrangeu o vocabulário singular utilizado nas lavouras e suas respectivas definições, podendo ser descritas e explicadas às seguintes expressões: meeiro (pessoa que trabalha na terra de outra e auxilia nos serviços necessários), peão (funcionário da lavoura), bóia-fria (popularmente conhecida como marmita), panha (colheita), catá e rapá (apanhar café do chão), rodá o café (método utilizado para secar o café, rodando-o no terreno), soprá o café (forma de limpar os grãos), soda (utilizado para fazer medida), disbrotação (maneira de retirar o broto), esqueletamento (método de cortar varetas).

Devido à prevalência da faixa etária de 31 a 50 anos, pode-se dizer que esses indivíduos, por possuírem pouca ou nenhuma escolaridade, perceberam dificuldade em conseguir emprego e escolheram a lavoura como local de trabalho.

Por a cafeicultura ser fonte de empregos temporários e oferecer uma melhor remuneração, pessoas com idades diferentes são inseridas nessa função todos os anos. Observou-se que cerca de 35% dos entrevistados possuíam 31 anos de profissão, podendo ser afirmado que esses indivíduos abandonaram seus estudos visualizando a possibilidade de aumentar o seu poder aquisitivo, adquirir eletrodomésticos, carros e quitarem sua dívidas. Esta parcela pode estar incluída nos entrevistados sem instrução e concluintes do antigo 4º ano. Através da realização e confecção da tabulação, pode-se notar que há raros casos de trabalhadores das lavouras que possuem Curso Superior.

5 CONCLUSÃO

A realização do seguinte estudo possibilitou a ampliação do campo de visão quando se trata das variantes linguísticas, possibilitando interação com os entrevistados e conhecimento da realidade destes indivíduos. Seria pertinente que lhes fosse oferecido um contato diferenciado com a norma culta, através da educação e que esta respeitasse a forma genuinamente brasileira de comunicar.

É preciso salientar que a língua é uma atividade social e que faz parte da vida em sociedade. Portanto, as variações que ocorrem na língua são resultado da ação coletiva de seus falantes e é movida pelas necessidades que seus usuários sentem de se comunicar melhor, serem mais precisos ou expressivos ao que querem dizer.

O referido estudo mostrou que os falantes dessa região sentem-se desprestigiados, inseguros e sem grandes perspectivas em relação a qualquer tipo de evolução ao se tratar da língua materna, pois o seu modo de falar é muito distante da norma padrão, que pode ser explicado pela baixa escolaridade e contato com indivíduos de outras realidades. Nota-se que boa parte possui uma única relação com a língua, mediada pela fala, não possuindo contato com a escrita e nem com a prática da leitura. Por isso, seria conveniente que tais falantes soubessem que a grande riqueza de uma língua está em sua forma peculiar de se comunicar. Nessa forma simples, original, há muita cultura e muito saber que precisa ser respeitado e compartilhado.

6 REFERÊNCIAS

- BAGNO; MARCOS. **Dramática da Língua portuguesa.** Tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BAGNO; MARCOS. **Nada na língua é por acaso.** Por uma pedagogia da variação linguística. 3 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- BAGNO; MARCOS. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola editorial, 2001.
- BAGNO; MARCOS. **Preconceito linguístico.** O que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BERTUCCI, J. L. de O. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC):** ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.
- MOREIRA, Antônio Carlos. **História do Café no Brasil.** São Paulo: Panorama Rural, Magma Editora Cultural, 2007.
- SANTOS, Flávio Mateus dos. **O café e a elite coronelista em Manhuaçu.** 2013. Disponível em: <<http://naltedahistoria.blogspot.com.br/2013/10/o-cafe-e-elite-coronelista-em-manhuacu.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.